

UM ESTUDO SOBRE A PERSONAGEM CAIM EM *SANDMAN*, DE NEIL GAIMAN

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as instâncias dos recursos narrativos e estilísticos que compõem a representação da personagem Caim na história em quadrinhos *Sandman* (publicada originalmente em 1989 e trabalhada por nós em edição de 2005), escrita por Neil Gaiman e ilustrada por uma equipe rotativa de desenhistas. Embora não seja originalmente uma criação de Gaiman, Caim (assim como outras personagens que também pertencem ao universo onírico da editora DC Comics) faz algumas participações nesta série, em várias delas a referida personagem mata seu irmão Abel repetidas vezes, sendo que este último revive horas depois para ser então morto outra vez por Caim em algum momento posterior, não raras vezes com requintes de crueldade. Desta forma, pretendemos, por meio de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa que se pautou em postulados de Abbagnano (2000), Eagleton (2005, 2006), Borges (2008, 2010) e Perrone-Moisés (1998) compreender as motivações para o fenômeno da repetição do ato de matar, bem como refletir sobre a natureza da personagem. Oferecemos, em um primeiro momento, um curto relato sobre a trajetória editorial de Caim, listando em seguida algumas de suas aparições em *Sandman* que servirão para embasar nossas reflexões e, por fim, passamos para a análise propriamente dita.

PALAVRAS-CHAVE:

Entre mistérios e segredos: primeiras palavras

Relacionada algumas vezes como “o primeiro assassino da história”, a personagem Caim já passou por releituras das mais variadas em diversos objetos da cultura pop e erudita. Desde a Antiguidade um sem-número de artistas apresentou sua versão para a personagem, bem como para o incidente envolvendo seu irmão Abel e suas eventuais conseqüências e acontecimentos subsequentes. Entre as obras produzidas por pintores, escultores e escritores, há interpretações das mais diversas.

Desta forma, as histórias em quadrinhos (doravante também chamadas de HQ's) não poderiam ficar sem algumas versões da história de Caim e Abel. Uma das mais célebres visões do “primeiro homicida” é oferecida pela editora DC Comics (famosa por publicar quadrinhos de super-heróis como Superman e Batman), na forma da personagem criada em 1968 por Bob Haney, Jack Sparling e Joe Orlando para a revista *House of Mystery*, antologia de horror publicada pela editora. Arrogante, belicoso e rude, Caim fazia o papel de mestre de cerimônias, sempre introduzindo o leitor no universo macabro do título,

enquanto que a casa fazia as vezes de localidade habitada por toda sorte de criaturas da noite. Os contos eram calcados no conceito de “mistério”, configurado em algum elemento inexplicável; mesmo que a história seja relatada a outros, seu real significado nunca é elucidado.

Por sua vez, seu irmão Abel surgiria no ano seguinte, como a personagem criada por Mark Hannerfeld, Bill Draut e Joe Orlando para tomar conta de *House of Secrets*¹, título-irmão de *Mystery* tanto na temática como na própria estrutura: Abel desempenhava as mesmas funções que Caim na outra revista, valendo o mesmo para a casa – muito embora aquele se completamente de maneira totalmente diferente deste. Educado, gentil e, curiosamente, gago, Abel desenvolveu um terror natural por Caim, embora ainda nutra afeição genuína pelo irmão. Seus contos culminam em um segredo que não deve ser revelado pelo ouvinte, ou a história perde o impacto (contudo, no momento em que conta alguma história, Abel nunca gagueja). Convém aqui observar que os títulos também dão nome às duas locações nas quais os irmãos residem, sendo uma vizinha à outra. A abordagem que transformou os dois irmãos em guardiões de casas mal-assombradas deu certo por algum tempo, até o fim das duas encarnações; *House of Secrets* teve seu último número publicado em 1978, enquanto que *Mystery* foi concluída em 1983. Depois disso, as personagens foram praticamente esquecidas, até serem inseridas por Neil Gaiman no universo de seu título **Sandman**, lançado originalmente em 1988 (figura 1).

Sandman foi um título publicado originalmente em 75 números mensais e uma edição especial, encerrado em 1998 nos EUA, sendo posteriormente republicada na íntegra em coletâneas reunindo um número sequenciado de edições. A série é focada nos Perpétuos – uma família de sete irmãos que são, na verdade, personificações antropomórficas de conceitos abstratos. Por ordem de nascimento, os irmãos são Destino, Morte, Sonho (ou Sandman, como também é conhecido, entre outros nomes), Desejo, Desespero, Destruição e Delírio. As narrativas se centram no relacionamento dos irmãos e no envolvimento destes com o universo ao seu redor.

¹ No Brasil, as localidades são nomeadas Casa dos Mistérios e Casa dos Segredos.



Figura 1: Caim e Abel.

Fonte: montagem a partir de GAIMAN, N. Sandman: prelúdios e noturnos. São Paulo: Conrad Editora, 2005 e GAIMAN, N. Sandman: Estação das brumas. São Paulo: Conrad Editora, 2006.

Julgamos importante frisar aqui que cada Perpétuo possui seu próprio reino, sendo no Sonhar, que pertence a Sandman, onde se passa a maior parte da ação desta série. E é nele que residem Caim e Abel, morando em casas vizinhas (novamente, a Casa dos Mistérios e a Casa dos Segredos), mas agora com um adicional: a relação de convivência deles é marcada pelo fato de Caim matar Abel repetidas vezes; este, por sua vez, revive horas depois, sendo posteriormente morto outra vez por Caim. E assim por diante.

Neste ponto, uma dúvida nos surgiu. Qual seria a motivação para que a personagem Caim, como é apresentada em **Sandman**, mate o irmão sucessivas vezes? Com o intuito de investigar como e porque a personagem faz o que faz, nos debruçamos em uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, na qual buscamos compreender a natureza dos impulsos da personagem e como ela se relaciona não apenas com Abel, mas também com outras personagens do mesmo título.

O ato de matar, em nossa sociedade, possui uma alta carga moral, mesmo que seja cometido uma só vez; evidentemente, numerosas mortes podem surpreender ou mesmo chocar o interlocutor, de modo que nos pautamos nas reflexões de Eagleton (2005, 2006) sobre moralidade para guiar nossas conclusões acerca das várias mortes de Abel. Perrone-Moisés (1998) colabora para nossa discussão sobre o ato de contar histórias, enquanto que os postulados de Borges (2008, 2010) nos cedem o arcabouço necessário para corroborar nossa análise. A partir disso, tendo em vista nosso recorte no objeto de estudo, conseguimos chegar a algumas conclusões.

A casa dos mistérios: (um pouco d) a trajetória de Caim

Uma vez que é uma personagem secundária, existem poucas participações de Caim em **Sandman**, e esta constatação inclui tanto a série regular como as edições especiais². Contudo, há ao menos três episódios dignos de nota, que elencamos a seguir, para delimitar e fundamentar nossa análise a partir deles. Para facilitar o entendimento, em vez de seguir a sequência de edições encadernadas³, vamos utilizar a numeração original.

A primeira vez em que vemos os irmãos na série acontece em **Sandman #2**, na história intitulada “Anfitriões Imperfeitos”, segunda parte do primeiro arco de histórias, intitulado **Prelúdios e noturnos**. Caim e Abel se encontram na Casa dos Mistérios, e há um presente ofertado pelo primeiro ao segundo, que reluta em abrir com medo que seja algo danoso; em seguida Sandman chega, enfraquecido por ter acabado de sair de um cativeiro no qual passou quase oitenta anos preso no mundo desperto. Para se recuperar, Sonho pede de volta uma carta de comissão entregue a cada um deles na aurora do tempo (a qual Caim entrega relutantemente); com isso ele reabsorve parte de sua essência, ali inserida. Após a partida de Sonho voltamos ao dilema do embrulho, que no fim Abel abre e revela ser um ovo de gárgula, que choca tão logo se abra o pacote. Abel, contudo, escolhe chamá-la de Irving, o que enfurece Caim, que afirma que todos os nomes de gárgula devem começar com a letra “g”. Com isso, Caim mata Abel, que revive horas depois e, conversando com a gárgula, diz (enquanto limpa o sangue das feridas provocadas por Caim) que a chamará Goldie (figura 2).

² Em meados da década de 90, um título chamado *The Dreaming* (em tradução livre, “O Sonhar”) foi lançado nos EUA, e era focado justamente em Caim, Abel e Matthew, entre outras personagens vistas com menor frequência em **Sandman**. Algumas edições chegaram a ser lançadas no Brasil mas, tendo em vista as limitações do gênero artigo, preferimos nos manter apenas com o *corpus* já estabelecido.

³ No mercado americano de HQ’s, após um ciclo de histórias de um determinado título ser encerrado, é muito comum que ele venha a ser republicado em coletâneas que reúnem aquele ciclo completo, ou ao menos parte dele. O usual é que se respeite a ordem da numeração nestas coletâneas, embora nem sempre isso aconteça.



Figura 2: A primeira morte de Abel mostrada em Sandman.
Fonte: GAIMAN, N. Sandman: prelúdios e noturnos. São Paulo: Conrad Editora, 2005.

A aparição seguinte, contudo, é centrada apenas em Caim. Trata-se do Episódio I de **Estação das brumas**, quarto ciclo de histórias. Dez mil anos atrás, Sonho condenou ao Inferno uma rainha mortal, Nada, por se recusar a viver com ele em seu reino, e agora se prepara para reparar este erro. Para tanto, envia um mensageiro que deve informar a Lúcifer Estrela-da-Manhã, governante das regiões abissais, da chegada de Sonho àquele lugar. Logo após Caim transmitir a mensagem, os demônios que o trouxeram manifestam seu desejo de matá-lo, o que é imediatamente refutado por Lúcifer, ao exibir a marca que Caim carrega na testa:

“O Senhor porém disse-lhe: Portanto qualquer um que matar a Caim sete vezes será castigado. E pôs o Senhor um sinal em Caim, para que o não ferisse qualquer que o achasse. E retirou-se Caim da presença do Senhor para habitar a Terra de Node, a leste do Eden”⁴. Onde você *ainda* vive, certo? Você está sob proteção *dele*. Sonho foi *sensato* em enviá-lo como seu arauto... qualquer *outro* teria sido devolvido com o *fígado* na *boca* e ele sabe disso (GAIMAN, 2006, pág. 48. Grifos no original)

No fim do mesmo episódio, vemos Lúcifer sobrevoando as paragens infernais segurando um desesperado Caim pelos cabelos, e logo após confirmar o recebimento da mensagem Estrela-da-Manhã o expulsa do inferno. O primeiro homicida, contudo,

⁴ Versículos 15 e 16 do capítulo 4 do Gênesis.

encontra-se profundamente abatido ao encontrar Sandman, que se prepara para viajar até o Inferno (figura 3):

...seus olhos... milorde? Eu... eu transmiti sua mensagem. Ele disse que vai a-aguardar... que mal pode *esperar*... Milorde... ele é terrível. Ele... ignorou minha marca. Não a levou em conta. Achou *engraçada*... (GAIMAN, 2006, pág. 60. Grifos no original)



Figura 3: Caim humilhado por Lúcifer.

Fonte: GAIMAN, N. Sandman: Estação das brumas. São Paulo: Conrad Editora, 2006.

O que nos leva ao terceiro número do nosso recorte, no caso, a edição 40, que encerra o sétimo ciclo de histórias, chamado **Convergência**⁵. Intitulada “O Parlamento das Galhas”, nesta história vemos o jovem Daniel Hall⁶ indo até o reino dos sonhos, onde se encontra com Matthew, o corvo que serve Sandman, e com Eva⁷. Todos se dirigem para a Mansão dos Segredos e são recebidos por Abel. Caim, contudo, não tarda a aparecer e, junto com Eva e Abel, conta histórias ao bebê. Caim fala sobre o Parlamento das Galhas,

⁵ **Convergência** é um ciclo de histórias fechadas que serve de interlúdio entre outros arcos; foi compilado junto com outro arco no mesmo estilo, **Espelhos distantes**, no volume **Sandman: Fábulas e reflexões**.

⁶ Daniel Hall é um bebê gerado dentro dos sonhos que terá grande importância no decorrer do enredo da série, mas que não se relaciona com nosso estudo. Contudo, julgamos necessário expor sua natureza incomum pelo fato dele poder transitar entre o mundo desperto e o mundo dos sonhos com aparente facilidade.

⁷ Também baseada na personagem bíblica de mesmo nome, é uma mulher que vive em uma caverna no Sonhar juntamente com Matthew.

um fenômeno no qual uma gralha fica grasnando durante horas em meio a um círculo de milhares de outras. De repente a gralha do centro para e as demais ou vão embora ou bicam-na até a morte. Eva (chamada de “mãe” por Caim, o que reforça que poderiam realmente se tratar dos arquétipos bíblicos) fala sobre as três mulheres de Adão (Lilith, uma sem-nome e ela mesma) e Abel, a seguir, conta uma parábola adocicada da história dele mesmo e de Abel – é de digno de nota citar que essa parábola, entre outras coisas, explica como os irmãos foram parar no Sonhar: Abel, após ser assassinado por Caim pela primeira vez, ia ser conduzido pela Morte para o seu reino, as Terras sem Sol, mas Sonho interveio e o transformou em um contador de histórias. Posteriormente, o mesmo convite foi feito a Caim (figura 4).



Figura 4: O encontro de contadores de histórias.

Fonte: GAIMAN, N. Sandman: Fábulas e reflexões. São Paulo: Conrad Editora, 2007.

No fim Daniel se vai, mas antes dos demais deixarem a Mansão dos Segredos Abel sobe à janela e revela o mistério das gralhas: a que fica ao centro está contando uma história e, quando termina, fica sabendo se ela foi aprovada ou não. Caim se enfurece pelo irmão ter revelado o segredo e mata Abel dizendo que é para o próprio bem dele, pois um mistério em uma história nunca pode ser contado.

A casa dos segredos: sobre as motivações de Caim

Nos episódios selecionados, é possível obter uma visão bem definida da personalidade de Caim. A personagem se comporta de maneira arrogante, presunçosa e pedante, fazendo de tudo para ser o mais desagradável possível. Parece odiar Abel mais do que qualquer coisa, sentindo genuíno prazer em matar o irmão à menor necessidade. O próprio Abel afirma que Caim é o tipo de irmão que “mata se- sempre que... hã... está bravo, entediado ou de mau humor” (GAIMAN, 2005, pág. 41).

É aqui que entra a questão das motivações da personagem Caim. Se levarmos em conta o senso comum, sua conduta entra em choque com o preceito moral de não matar (necessariamente, provocar o “fim de um ciclo de vida” [ABBAGNANO, 2000, pág. 683]) que costuma ser propagado na sociedade; entretanto, matar Abel várias vezes pode, de alguma forma, se configurar como um princípio moral DA personagem. Sobre isso, Eagleton (2005) nos alerta que

Princípios podem ser flexíveis e, ainda assim, ser princípios. Não é sua inflexibilidade que os distingue do resto de nossa vida, mas a natureza vital do que eles resguardam ou promovem – vital do ponto de vista de fomentar uma abundância de vida. E não se pode fazer isso a menos que se tenha, por exemplo, uma lei proibindo matar injustamente. Toda forma de vida que desabroche terá suas obrigações e proibições. O único problema é que, então, você pode vir a identificar moralidade com as obrigações e proibições, em vez de com o desabrochar (EAGLETON, 2005, pág. 198-199).

A partir dessa reflexão, podemos inferir alguns pontos. Caim sabe que Abel irá reviver horas depois, não importando a forma como foi morto (em uma das aparições não selecionadas para o nosso *corpus*, Caim coloca Abel em um moedor de carne, tendo antes serrado o seu corpo ao meio; em seguida, faz salsichas com o que restou do irmão⁸). Há numerosas referências de que eles seriam as personagens bíblicas (em seu primeiro diálogo com Sandman mostrado na série, Abel se refere a si mesmo como “a primeira vítima”⁹, o que reforça o apelido de Caim de “primeiro homicida”). Entretanto, não vemos nenhum

⁸ Sandman: Estação das brumas, pág. 154.

⁹ Sandman: Prelúdios e noturnos, pág. 44.

esforço real de Abel para impedir que seu irmão o mate. Por conta disso, podemos supor que as ações de Caim, embora sejam para nós imorais, são condizentes com seu próprio código moral.

Os princípios morais em questão fariam com que a personagem estivesse, portanto, inserida em um ciclo sem fim de violência, alimentado principalmente pela certeza de que, independente dos danos perpetrados contra o irmão, este terminará se recuperando por completo (ao menos fisicamente; devemos lembrar aqui do terror que Abel nutre por Caim, o qual acreditamos ser conseqüente de um sem-número de mortes, possivelmente pelos meios mais variados, tendo em vista a personalidade de Caim).

Este ciclo de morte e ressurreição, por sua vez, serve ao propósito de ambos, enquanto personagens de uma história. Não vamos entrar no mérito da discussão entre os textos bíblicos serem ou não literários; este estudo não se destina a isso. Queremos chamar a atenção para o fato de que, em suas encarnações anteriores (como anfitriões das revistas *House of Mystery* e *House of Secrets*) as personagens tinham pouco ou nenhum contato entre si, tornando-se vizinhos apenas quando ganharam suas cartas de comissão – em outras palavras, ambos se tornaram habitantes do mundo dos sonhos, o que justifica a manutenção do conto. Revivê-lo seria, portanto, uma forma de manter a história no imaginário das pessoas.

Aproveitamos para fazer um apontamento sobre o conceito de narrativa, que se dirige tanto aos irmãos como aos contos por eles relatados. Fazendo uso de preceitos da narratologia (EAGLETON, 2006, pgs. 156-160), procuramos lembrar que dentro do preceito de “modo” (que inclui os traços mais próximos à superfície da narrativa, como a forma em que a história é contada) existe a ideia de “perspectiva” ou ponto de vista, que se ocupa de definir o papel do narrador; ele pode saber mais do que as personagens, menos do que elas ou o mesmo que elas. A narrativa pode ser feita por um narrador onisciente ou por um narrador localizado internamente, do ponto de vista das personagens. Neste sentido, o pensamento de Perrone-Moisés nos parece bastante pertinente:

Narrar uma história, mesmo que ela tenha realmente ocorrido, é *reinventá-la*. Duas pessoas nunca contam o mesmo fato da mesma forma: a simples escolha dos pormenores a serem narrados, a ordenação dos fatos e o ângulo de que eles são encarados, tudo isso cria a possibilidade de mil e

uma histórias, das quais nenhuma será a “real”; e muitas vezes se estará criando, na história, algo que faltava no real (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 105, grifo nosso).

Este apontamento explicaria porque Caim mata continuamente Abel, e de formas sempre diversas; essencialmente, é como se a personagem tentasse preencher algum detalhe em aberto, ou simplesmente optasse por contar aquela história de outra maneira. Essa concepção serve, por exemplo, ao ideal do eterno retorno proferido por Borges (2010, pág. 78), que seria “o único imaginável. Refiro-me à concepção de ciclos similares, não idênticos”. O mesmo autor, em outro momento, corrobora nosso pensamento com relação ao ato de reviver e, por conta disso, recontar uma história ao afirmar que

A simplificação conceitual de estados complexos é muitas vezes uma operação instantânea. O próprio fato de perceber, de levar em conta, é de ordem seletiva; toda atenção, toda fixação de nossa consciência comporta uma omissão deliberada do não interessante. Vemos e ouvimos por meio de lembranças, de temores, de previsões (BORGES, 2008, pág. 73, grifo nosso).

Últimas palavras

O móvel deste trabalho foi o caráter único da condição de Caim e de Abel, que vão de protagonistas da (nas palavras deles) “primeira história” a habitantes do mundo dos sonhos. Queremos aqui lembrar que, uma vez que se trata de sonhos, as personagens simplesmente não podem morrer – ao menos não no sentido que é normalmente atribuído a este verbo. O mesmo pode ser dito de qualquer sonho; este pode ser abandonado ou mesmo esquecido, mas não morto. Este ponto reforça o conceito do ciclo de violência no qual Caim se insere, como dito acima.

Há ainda a possibilidade de Abel atuar em uma relação de “cumplicidade tácita” com Caim. Por um lado, existe a hipótese de que ele seria efetivamente capaz de alterar o rumo da história, tal qual outras personagens em **Sandman** que possuíam uma condição parecida e que optaram por reescrever o próprio destino; por outro, talvez o conto do primeiro assassinato não possa ser alterado (e com isso Abel estaria para sempre preso nesse ciclo de morte e ressurreição).

Este estudo não é definitivo; para o bem da verdade, nenhum é. Assim sendo, em um momento posterior, será possível ampliar o foco desta pesquisa, podendo inclusive apontar novos traços nos escritos de Gaiman. Os parâmetros já abordados e explorados nos permitiram chegar a essas conclusões; tão logo outros paradigmas sejam estabelecidos, novas leituras poderão ser feitas, chegando a conclusões impossíveis de prever.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BORGES, J. L. **Discussão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **História da eternidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

EAGLETON, T. Moralidade. In: **Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo**. Trad. Maria Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. **Teoria da literatura: uma introdução**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GAIMAN, N. **Sandman: prelúdios e noturnos**. São Paulo: Conrad Editora, 2005.

_____. **Sandman: Estação das brumas**. São Paulo: Conrad Editora, 2006.

_____. **Sandman: Fábulas e reflexões**. São Paulo: Conrad Editora, 2007.

PERRONE-MOISÉS, L. **Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.